

O desafio dos PCD's

As dificuldades da vida de uma pessoa com deficiência (PCD's) mostram que a cidade não está preparada para atender às necessidades dessa parcela da população. Estrutura urbana, transporte público, educação de qualidade e trabalho são as principais aspirações destes cidadãos. **pág 4**



Raio X

Faltam políticas públicas no Brasil

pág 3

Psicológico

O outro lado da vida de um PCD

pág 6

Integração

Projetos buscam facilitar a inclusão

pág 7

Os desafios invisíveis

Os aspectos difíceis de uma realidade: histórias de vida transformadas por meio da própria superação e como simples atitudes cidadãos podem melhorar o dia-a-dia de um PCD.

Ítala Lima e Vinícius Leal

Imagine atravessar a rua em um mundo onde não há imagens com cores e formas; ou um mundo onde a comunicação não acontece através da fala, mas por meio de sinais e gestos. Como seria para alguém que está acostumado a ver e falar normalmente passar a viver num mundo assim? Esta realidade invertida transmite um pouco da sensação vivida por um deficiente físico em nossa sociedade.

Um deficiente mental precisa de orientações por onde quer que passe, um surdo precisa de uma cidade que se comunique com ele, um cego precisa se locomover à sua maneira. Estas são algumas das necessidades das pessoas com deficiência (PCD).

No cotidiano de um PCD existem diversos obstáculos, para usar o transporte coletivo, trafegar em calçadas e corredores, encontrar vagas de trabalho ou até mesmo para ter acesso a uma educação de qualidade. Quais atitudes devem ser tomadas para criar um ambiente mais acessível e indiscriminado a eles?

"Eu me sinto como se estivesse no Labirinto do Minotauro", afirma Arthur Oliveira da Silva

Luiz Arthur Oliveira da Silva, 28, deficiente físico, começa sua rotina bem cedo, às 4 da manhã, quando sai de sua casa no bairro Presidente Vargas, no centro de Manaus, e pega o ônibus da linha 125. Com ajuda das suas duas muletas sobe rapidamente os dois degraus de embarque do coletivo, e senta em uma das cadeiras reservadas por lei às pessoas que tenham algum tipo de necessidade especial. O seu destino é a Universidade Federal do Amazonas (Ufam), onde cursa História. Nos três anos em que frequenta o Campus, Arthur já se habituou com esse percurso, que dura cerca de 45 minutos. "Já me acostumei, e até criei um bom preparo físico depois disso", afirma.

Um transporte coletivo de qualidade pode garantir acesso a trabalho, educação, lazer e saúde a um deficiente, mas para isso é necessário maior número de ônibus adap-

tados e a regularização de seus horários; mudanças na estrutura física de um veículo, desde plataformas e escadas de embarque e desembarque, pisos, corrimões e cadeiras. No entanto, as mudanças não devem acontecer só nos ônibus.

Toda a estrutura urbana precisa se adaptar aos PCD's. Cinemas, teatros, universidades, escolas, hospitais, shoppings e bancos devem ter vias e corredores com rampas e corrimões, banheiros devem ter barras laterais para apoio, a pavimentação deve ser acessível, estacionamentos devem disponibilizar vagas exclusivas, as quais também devem ser respeitadas pelos motoristas. Diversas são as características exigidas para se dar acesso ao deficiente.

Segundo o estudante Arthur, a estrutura do Campus-Norte da Ufam está bem equipada para receber um PCD, entretanto ele critica o espaço físico do Mini-Campus: "No Mini, é difícil trafegar nos corredores, não há rampas.

Ali eu me sinto como se estivesse no Labirinto do Minotauro", diz.

Para reestruturar o espaço urbano a sociedade precisa estar atenta às necessidades de cada tipo de deficiência. Buscar esse conhecimento e praticá-lo é um compromisso de todos, é uma atitude cidadã. Porém a falta de informação sobre o assunto é um problema.

Segundo a fisioterapeuta e coordenadora da Associação de Apoio as Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais (AAPPNE), Maria Dias, 54, a melhor maneira de informar a sociedade é através de campanhas educativas de peso sendo veiculadas na televisão. "Depois da novela (Viver a Vida) a sociedade começou a mudar sua postura, e até vi mais deficientes nas ruas". A fisioterapeuta se refere a personagem interpretada por Aline Moraes - Luciana, uma modelo que ficou tetraplégica após um acidente de carro.

É preciso viver com as diferenças

A aceitação ou não às diferenças é uma questão que advém da natureza humana, que segue princípios e características pessoais. Entretanto, segundo Maria Dias, uma atitude de aceitação e adaptação ao outro 'diferente' é algo que inicia bem cedo, em casa. "Uma vez fomos passear num shopping e uma criança que estava com seu pai tentou se aproximar de um cadeirante nosso. O pai não deixou e puxou o filho. Eu cheguei bem próximo dele e disse: olha, o que o cadeirante tem, não pega, viu? Com isso se percebe que uma criança em si não tem preconceito, ela tem curiosidade de saber. Muitas se perguntam: por que eu ando, e outra criança da minha idade está numa cadeira de rodas? É esse o momento de explicar e de ensinar", conta Maria.

O convívio entre crianças ditas normais e deficientes é algo necessário para que a inclusão ocorra. O Ministério da Educação (MEC) determina que as Escolas Regulares trabalhem com a educação inclusiva, uma educação de qualidade que busca modos de remover barreiras na aprendizagem, para a interação de alunos com necessidades educacionais especiais, indistintamente.

Entretanto, a educação inclusiva faz com que muitas crianças deficientes enfrentem constrangimentos na sala de aula, acarretando consequências graves como desistência escolar e traumas. "É muito complicado estudar. Às vezes, eles (colegas de classe) ficam me mangando, e não é fácil. Eu penso em desistir. Vou mudar de escola", conta Maria, 9, que sofre de mielomenigocele, uma má formação da coluna causada pelo fechamento incompleto do canal vertebral. A menina ficou constrangida quando um colega tirou sua fralda de dentro da mochila, colocou-a entre as pernas, e imitou o jeito que ela andava - grande



Arthur da Silva, universitário, utiliza todos os dias a estrutura do Campus da Ufam

parte das crianças com mielomenigocele não possui controle urinário e intestinal.

Essa é uma realidade comum nas escolas de Manaus, e cabe aos professores e funcionários orientar os alunos diante destes diferentes contextos de normalidade. Porém o despreparo e a falta de especialização ainda é um fator prejudicial para a inclusão deste público. A assistente social e representante do Conselho Estadual dos Direitos da Pessoa com Deficiência, Ana Cláudia Martins, afirma que não adianta um professor estar preparado para receber um aluno deficiente, se a merendeira ou o porteiro não sabem lidar com essa realidade. "Toda a comunidade escolar deve receber orientação pedagógica para atender esses alunos. Recebemos denúncias de mau tratamento aos deficientes, oriundas de despreparo e falta de conhecimento. Nós do Conselho vamos ao local e orientamos diretores, professores e funcionários para a correta maneira de agir", alerta.

Segundo o MEC, para que a educação inclusiva aconteça é preciso ocorrer mudanças na estrutura física, cultural e curricular das escolas, e a participação total dos pais e da comunidade. O processo educacional inclusivo já é realidade em Escolas Regulares da capital, mas a adaptação dos deficientes no meio social só acontece quando há uma boa condição psicológica, alcançada através de um ambiente familiar saudável. "Eu nunca vi minha deficiência como um problema, e eu sei que minha família foi essencial para isso. Meu pai dizia: te vira, eu sei que você consegue", conta o estudante Arthur.

Obstáculos são comuns, diferenças existem, e o preconceito é natural do ser humano. Cabe à todos garantir igual oportunidade de ir e vir aos PCD's, independente da capacidade de cada um. Você já fez isso hoje?

Dicas para um melhor relacionamento com PCDs

- Se achar que o PCD está em dificuldade, pergunte como pode ajudar. Uma tentativa de ajuda inadequada pode até mesmo atrapalhar;
- Ao conversar com uma pessoa com deficiência lembre-se de olhar para ela;
- Se estiver conduzindo um PCD de

cadeira de rodas e houver a necessidade de parar para conversar com outros, vire a cadeira a tal qual o PCD fique de frente e participe da conversa;

- Para descer degraus com um cadeirante é mais seguro transferir-lo de costas. Para a subida ou descida, é melhor pedir ajuda de mais uma pessoa.

PARALISIA CEREBRAL

- Pessoas com paralisia cerebral podem fazer movimentos involuntários com pernas e braços, ter dificuldades para andar, e apresentar expressões estranhas no rosto. Não se intimide com isso, ajude;

- Se você não entender o que um PCD de paralisia cerebral fala, peça a ele que repita. Pessoas com esse tipo de dificuldade não se incomodam em repetir.

DEFICIENTE MENTAL

- Expresse alegria e cumprimente-os de forma natural, mantendo a conversação até onde for possível.

- A sensibilidade é característica

marcante na pessoa com deficiência mental, não utilize palavras, gestos ou expressões grosseiras, atitudes como estas os fazem se sentir impotente.

DEFICIÊNCIA VISUAL

- Toque levemente no braço de um PCD visual, e ofereça a ele seu auxílio.

- Coloque a mão dele sob seu cotovelo, com o braço dobrado. Assim ele irá acompanhar o movimento do

seu corpo.

- Ao explicar direções, indique distâncias em metros. Por exemplo: 10 metros à frente
- Avise ao PCD o momento em que você for embora.

DICAS PARA AS PESSOAS DEFICIENTES

- Pratique esporte. Isso é tranquilizador, e traz de volta a auto-estima.

- Faça exercícios para não engordar.

- Tenha uma dieta balanceada, e evite comer gordura.

